



A ARQUITETURA ICONOGRÁFICA DOS TERREIROS DE UMBANDA EM PONTA GROSSA-PR

Rafaela Zammar Taques

¹Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Campus Ponta Grossa-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. Rafaelataques.10rt@gmail.combr

RESUMO

Este resumo apresenta parte dos resultados obtidos pelo Projeto de Iniciação Científica realizado no período de novembro de 2022 até o presente momento, desenvolvido sob a orientação da professora Gabriela Sgarbossa. A pesquisa tem como objeto de estudo os altares de Umbanda de Ponta Grossa, Paraná, como compreensão da transposição didática para o ensino da arte e da história da arquitetura pontagrossense, utilizando registros fotográficos. Para o conhecimento artístico, para o tratamento didático (metodologias para o ensino das artes negras brasileiras) e para os sistemas de avaliação próprios, já definidos e contemplados à partir da lei 10.639/03. O presente tem o objetivo de subsidiar os professores e as escolas no desenvolvimento e na aprendizagem do educando em uma nova concepção multicultural para o ensino da disciplina de história da arquitetura brasileira em um conceito interdisciplinar. Os resultados preliminares alcançados incluem uma breve história da Umbanda no Brasil, abordando seus principais conceitos e doutrinas, assim como a veracidade a respeito de sua passagem pela cidade de Ponta Grossa.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura sacra; Ponta Grossa; Terreiro de umbanda.

1 INTRODUÇÃO

A forma mais poderosa e eficaz conhecida até hoje pelas sociedades humanas para assegurar a identidade cultural do indivíduo e operar a integração das significações numa "visão do mundo" socialmente reconhecida, é a crença religiosa. Xavier Herrero afirma que a religião está longe de "alienar" o indivíduo. Em contrapartida, ela opera da maneira mais radical a sua integração na realidade, e essa é, conforme o autor, a explicação mais adequada da universalidade antropológico-cultural do fenômeno religioso. "Com efeito, o homem se integra tanto mais plenamente na realidade, quanto mais essa se lhe apresenta dotada de sentido e quanto mais os sentidos parciais se ordenam na unidade de um Sentido primeiro e fundamental" (HERRERO, 2023).

Uma das mais marcantes chaves para a cultura popular brasileira é a presença de religiões afro brasileiras. Podendo ser constatadas em diversos campos da nossa civilização, como culinária, literatura, dança, música, teatro e moralidade. Candomblé, tambor de mina, xangô e batuque gaúcho são alguns exemplos de denominações religiosas de origem ou influência africana constituídas no Brasil desde o século XIX. No entanto, o enfoque da presente pesquisa será a umbanda, mais especificamente, a arquitetura dos terreiros de umbanda da cidade de Ponta Grossa, Paraná. Em concordância com Jorge Gabriel Manosso (2016), a umbanda diferentemente das outras religiões de matrizes africanas, apresenta uma característica única: enquanto as outras buscam uma maior exaltação das tradições africanas, o movimento umbandista se apresentou como uma religião puramente brasileira. Já, Antônio Flavio Pierucci (2010), declara que a umbanda tem um valor de memória para a comunidade que frequenta o espaço e que com ele possui um vínculo, por dar lugar aos eventos relacionados à mesma e um valor arquitetônico pelo espaço físico que abriga as atividades próprias dessa religião.



Contudo, apesar da importância das religiões de matriz africana para a cultura brasileira, ainda são poucos os estudos que discutem a arquitetura dos centros destinados para essas práticas religiosas, bem como a iconografia dos altares presentes nestes espaços. Em contrapartida, inúmeras pesquisas discutem esses mesmos elementos relacionadas à outras formas de expressão de fé. Diante do exposto, pondera-se a importância da realização de pesquisas que abordem esses temas, desenvolvendo uma perspectiva consciente relacionada à religião em questão, assim como suas influências na arquitetura brasileira, incorporando, nesse caso, sua correlação com a cidade de Ponta Grossa – PR.

Tendo em vista que pouco se comenta sobre o assunto no curso de Arquitetura e Urbanismo, a presente pesquisa possui como objetivo geral, registrar e estudar os terreiros de Umbanda da cidade de Ponta Grossa no Paraná com o propósito de transposição didática para o ensino da arquitetura.

A sociedade brasileira, constituída por várias raças culturas e religiões, expressa o preconceito manifestando toda forma de intolerância, sendo uma delas, a religiosa. De acordo com dados da Secretaria dos Direitos Humanos, ligada ao Ministério da Justiça, as denúncias de intolerância religiosa aumentam a cada ano, sendo que a maior parte das vítimas é praticante de crenças de matriz africana (BRASIL, 2013, p. 9-10). Neste sentido, segundo Simoes e Salaroli, o ato de tolerar não significa necessariamente agir ou concordar com o pensamento do indivíduo, mas sim, o direito de expressar da maneira entendendo os mesmos direitos para ambas as partes (SIMÕES; SALAROLI, 2017, p. 41). Rodrigues pontua que “apesar da obrigatoriedade do ensino sobre a história e cultura afro-brasileira, a aplicabilidade da lei ainda é deficiente”, destacando que a intolerância religiosa e o racismo são os principais obstáculos enfrentados para que a lei se concretize (RODRIGUES, 2023).

Nessa perspectiva, compete ao Ensino Religioso como componente curricular, propor e discutir as religiões, assim como seu contexto histórico, a fim de que o sujeito possa compreender diversas culturas, construindo o diálogo e a prática de valores.

Considerando o Brasil como um país plural que abriga pessoas católicas, protestantes, judias, espíritas, ateias, pessoas que não tem religião mas que acreditam em algo, significa que, no âmbito acadêmico do curso de arquitetura e urbanismo, justifica-se o Ensino múltiplo para que todas as religiões e suas respectivas influências arquitetônicas e culturais sejam contempladas e haja esse conhecimento mútuo. Ou seja, na medida em que esse sistema promove o conhecimento proposto, estabelece o diálogo inter-religioso e o entendimento das crenças individuais, que conseqüentemente ultrapassam as muralhas do preconceito que constroem uma nação adversa e intolerante.

2 DESENVOLVIMENTO

O texto compõe-se em uma pesquisa bibliográfica e documental classificada como exploratória, reunindo conhecimentos a partir de referências de toda natureza, elucidando as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema e permitindo o aprofundamento teórico que relacione diretamente ou indiretamente os assuntos com o público alvo. Para isso, foi realizada uma análise qualitativa das diretrizes e conceitos da Umbanda. Os resultados apresentados neste capítulo variam entre os que foram obtidos com pesquisas bibliográficas, os que foram analisados por meio das entrevistas propostas pela autora, dentre outros. Como forma de direcionar a computação deste estudo, esta seção se divide em parcelas menores.



2.1 INTRODUÇÃO À UMBANDA

O fundador da Umbanda é o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que, por intermédio de Zélio Fernandino de Moraes, apresentou seus fundamentos, ritos e rituais praticados até hoje pelos umbandistas do país. Foi fundada no ano de 1908, e atualmente tem 115 anos de prática. Podemos afirmar que é uma religião espiritualista e cristã, que pratica a caridade ensinando seus praticantes sobre as relações entre os universos espiritual e material. (CUMINO, 2010).

Os seus praticantes representam a diversidade cultural, étnica, social, econômica, dentre outras, que correspondem aos da população brasileira. Dessa forma, de acordo com Careli (2022), pesquisadora da área, “é uma religião democrática, porque acolhe a todos sem distinção, tanto espíritos como pessoas, que prega a humildade como um princípio de vida”. A Umbanda está fundamentada na crença de que a intermediação entre pessoas e espíritos colabora para o bem-estar e saúde de todos, como também que a educação espiritual colabora para o desenvolvimento das pessoas. Seus ritos e rituais são semelhantes em todos os Terreiros, as diferenças encontradas são ligadas diretamente às diferenças culturais dos Guias Espirituais que dirigem os terreiros, em função de seus locais de origem. No entanto, tais divergências não comprometem sua essência (GUILOUSKI, 2012).

3.2 ARQUITETURA DOS TERREIROS

A umbanda, em suas práticas, requer casas de culto, que proporcionem uma conexão ampla com a natureza e abriguem pequenas estruturas destinadas a entidades significativas dentro da religião (ARAUJO, 2015). Os atabaques são cobertos por panos nas cores dos Guias Dirigentes do Terreiro e ficam ao lado do altar ou no fundo, dependendo das dimensões do espaço (CARELI, 2022).

Por meio da configuração espacial expressa por formas simbólicas, que são essenciais para sustentar as representações subjetivas da fé, pode-se traçar um mapa imaginário do terreno, tendo o terreiro como seu ponto central. “Regiões da África mítica, as matas originárias brasileiras, os canaviais codoenses, o núcleo da Terra, o plano etéreo e espiritual, são algumas das dimensões que compõem o território sagrado, ainda que sua essência não possa ser identificada em um espaço e tempo lineares.” (IBIAPINA, 2021). Nessa abordagem, através da riqueza da representação subjetiva fundada pelos geossímbolos, é possível que a crença se valide, possibilitando as celebrações rituais que conduzem o devoto à transcendência no âmbito do Sagrado (GEERTZ, 2015).

3.3 UMBANDA EM PONTA GROSSA

Apesar da religião ter sido fundada no ano de 1908, a Federação espírita de Umbanda, foi criada em 1939, e o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda foi realizado somente em 1941, dois acontecimentos responsáveis pela legitimação da mesma. Entretanto, em 1937, legalizou-se constitucionalmente a censura aos meios de comunicação, essa legislação transformou a imprensa para um setor com função de caráter público, tornando-a instrumento do estado, sendo assim uma ferramenta de transmissão da ideologia do estado-novo (SOUZA, 1990).

Como normalmente aceitam-se apenas interpretações "oficiais" dos acontecimentos, muitas vezes certos círculos sociais são privilegiados, ao mesmo tempo que outros marginalizam-se, calando assim vozes que em algumas vezes poderiam dar um outro ponto de vista sobre os fatos, deixando assim as notícias com a marca desse discurso excludente.

Um estudo elaborado por João Gabriel Manosso em 2016, a partir de pesquisas realizadas nos arquivos do jornal Diário dos Campos, e no arquivo do Museu pontagrossense, evidenciou que nenhuma das manchetes dos jornais pontagrossenses nos anos de 1937 a 1945 abordam de alguma forma as religiões de matrizes africanas. Entende-se dessa forma, que a formação da mentalidade da sociedade princesinha



daquela época excluiu esse assunto. Uma vez que Ponta Grossa foi fortemente colonizada por imigrantes europeus, como aponta Silvia Costa, Manosso assume que não se deve trabalhar apenas com a hipótese de que na cidade não houve repressão, mas de que se ela aconteceu ficamos com esse ponto cego, uma vez que a falta de documentação acaba se tornando um grande empecilho na busca do historiador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a elaboração das atividades propostas, espera-se agregar conteúdo ao Ensino múltiplo para que todas as religiões e suas respectivas influências arquitetônicas e culturais sejam contempladas e haja esse conhecimento mútuo, ou seja, na medida em que sistema promove o conhecimento proposto, estabelece o diálogo inter-religioso e o entendimento das crenças individuais, que conseqüentemente ultrapassam as muralhas do preconceito que constroem uma nação adversa e intolerante.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sheilla Sousa. A arquitetura iconográfica dos altares dos terreiros de umbanda em Caucaia e Fortaleza no Ceará: uma prática arte-educadora multicultural. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Diversidade religiosa e direitos humanos. 3a ed. Brasília: Editora União Planetária, 2013, p. 9-10.

CARELI, Marcia Padrini. A história da umbanda: Ritos e rituais. UNINTER, 2022.

COSTA, Silvia. Campos de concentração em Ponta Grossa. Secretaria Municipal de cultura e Turismo de Ponta Grossa, 2009.

CUMINO, Alexandre. Historia da Umbanda: uma religião Brasileira:" O livro que vai transformar sua forma de ver a Umbanda". Madras, 2010.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GUILLOUSKI, Borres; COSTA, Diná Raquel da. Ritos e Rituais. Escola de Educação e Humanidades PUCPR Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades. Curitiba, 2012. (p. 91 a 109).

HERRERO, Xavier. Filosofia da religião e crise da fé. Síntese: Revista de Filosofia, v. 12, n. 35, 2023.

IBIAPINA, Felipe. Vista do Sacralizando o espaço: Geossímbolos de um terreiro de umbanda. Revista Espaço Acadêmico- n. 228, 2021.

MANOSSO, Jorge Gabriel. A umbanda nos jornais pontagrossenses no estado novo. Curitiba- PR. UFPR, 2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. Sociologia da religião, uma sociologia da mudança. Horizontes das ciências sociais no Brasil: sociologia. São Paulo: ANPOCS, 2010.



RODRIGUES, Danutta. Intolerância religiosa prejudica ensino da cultura afro-brasileira, diz secretário. Bahia, 2014.

SIMÕES, Anélia dos Santos Marvila; SALAROLI, Tatiane Pereira. FUV- Revista Unitas, v.5, n.2, 2017. (p. 41 3)

SOUZA, José Inácio Melo. A ação e o imaginário de uma ditadura: controle, coerção e propaganda política nos meios de comunicação durante o Estado Novo. ECA/USP, 1990.